

O Primo Basílio

Izaldil Tavares de Castro

Eça de Queirós

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Trata-se, nesta parte, do final do século XVIII, quando começa a extinguir-se a terceira e última fase do Romantismo português. O surgimento da evolução tecnológica e, em decorrência, cultural tende a esvaziar os ideais românticos que prevaleceram por quase quarenta anos.

Portugal — embora tenha conhecido no período uma certa estabilidade, vê-a definhando, em face de suas dificuldades estruturais de economia — contempla uma Europa renovada nos planos político, social, econômico e cultural. E não apenas contempla, mas também se vê invadido pelas novas conquistas do velho mundo, já que uma juventude operosa e inteligente está atenta àquilo que lhe chega — em 1864 Coimbra se liga à rede europeia de caminho-de-ferro — principalmente da França.

Portugal assenta-se, incomodamente, numa situação que privilegia o processo oligárquico, com tendências conservadoras, o que impede a visão de novos horizontes sociopolítico-culturais.

É nesse ambiente que floresce a “Geração de 70”, influenciada pelos modelos franceses buscados em Balzac, Stendhal, Flaubert e Zola.

Os jovens acadêmicos portugueses absorvem as teorias emergentes, tais como o **Determinismo** de Taine, o **Socialismo “Utópico”** de Proudhon, o **Positivismo** de Auguste Comte e o **Evolucionismo** de Darwin, entre outras novidades no campo das Ciências e da Filosofia.

Nesse cenário, um acontecimento é marcante: a **Questão Coimbrã**.

O veterano Antônio Feliciano de Castilho escreve um posfácio à obra *Poema da Mocidade*, de Pinheiro Chagas, seu discípulo das letras. O dito posfácio ataca violentamente o ideário da “Geração de 70”.

Instaura-se, abertamente, a rivalidade. Antero de Quental, jovem líder do grupo que se opõe a Castilho, contra-ataca com o opúsculo intitulado *Bom Senso e Bom Gosto*, em 1865, no qual assim se dirige ao velho Castilho:

“... eu hei de sempre ver uma péssima ação, digna de toda a importância dum castigo, nas impensadas e infelizes palavras de V. Exa., dignas quando muito dum sorriso de desdém e do esquecimento. E se eu nem sequer me daria ao incômodo de erguer a cabeça de cima do meu trabalho para escutar essas palavras, entendo que não perco o meu tempo, que sirvo a moral e a verdade, censurando, verberando a desonesta ação de V. Exa.”

Eça de Queirós, porém, não participou da polêmica.

Informa-nos a obra *História da Literatura Portuguesa*, de António José Saraiva e Óscar Lopes: “A consciência da ‘Geração de 70’ desperta dentro destas condições, e no seu despertar tem um papel decisivo a visão da Europa mais adiantada, sobre a qual os moços de Coimbra fixam avidamente os olhos. Antero, Eça, Teófilo e outros deixaram-nos largos depoimentos sobre as suas leituras, sobre os acontecimentos europeus, a que assistiram de longe, mas apaixonadamente. Tirante Oliveira Martins e poucos mais parecem não dar conta das circunstâncias nacionais que os condicionavam. Toda a sua atenção era atraída pela Europa que lhes chegava, como diz Eça, aos pacotes de livros, pelo caminho-de-ferro”.

José Maria Eça de Queirós nasceu em Póvoa do Varzim, em 1845. Faleceu em Paris, no ano de 1900. Foi advogado, cônsul em Havana. Esteve no Egito, assistiu à inauguração do Canal de Suez.

RESUMO DO ENREDO

O tema da obra é a sociedade lisboeta da época, com todas as características presentes na casta burguesa. Luísa é casada com Jorge, um engenheiro. Jorge, por força de compromissos, viaja para o Alentejo. Luísa é fraca de físico e de caráter. Durante o interregno, envolve-se afetivamente com Basílio, seu primo e antigo namorado, sujeito de inclinações “don-juanescas”. No contexto, há personagens como Juliana, uma criada grosseira, desonesta, que tira proveito da situação de adultério, escravizando a indefesa Luísa. O episódio chega ao conhecimento de Jorge, o marido. Luísa fica gravemente enferma e Jorge parece perdoar-lhe o erro. Tarde demais. Ela morre. Basílio continua a desfaçatez de sua existência.

ESTUDO DAS PERSONAGENS

LUÍSA

Oriunda de uma burguesia decadente, é inculta, devotada a um cristianismo de fachada. Tem caráter instável: ora atacada por um sentimento de medo indecifrável — teme perder o *status quo* adquirido com o casamento com Jorge — ora entregue às carícias do amante Basílio. Representa bem a tibieza da estrutura cultural, moral e religiosa da parcela burguesa de Lisboa.

JORGE

Casado com Luísa, é engenheiro. Carrega concepções de superioridade hierárquica no casamento, embora leve vida ambígua: tem diversas relações amorosas furtivas, apoiadas nas frequentes viagens que faz, por força da profissão. Assim, representa o que há de falso moralismo e arrogância na sociedade.

JULIANA

É a criada. Subjugada pela condição social, vive o inferno da inveja. É malévola, desonesta e não perde oportunidade para explorar, roubar e exigir sob ameaça. Guarda como relíquia tudo que possa ser arma contra a família para quem trabalha.

CONSELHEIRO ACÁCIO

Representa a pseudoformalidade das relações sociais: político dado à corrupção, de fala convincente e amante dos provérbios e frases de efeito, adota um comportamento populista, a fim de se beneficiar.

SEBASTIÃO

Aparentado de Jorge, revela-se prestativo, o “ombro amigo” e seguro. Mostra ser bom caráter.

LEOPOLDINA

Outra burguesa de maus hábitos, maritalmente desonesta e amiga de Luísa, à revelia do falso-moralista Jorge.

DONA FELICIDADE

É o protótipo da beata ignorante. Pratica uma religiosidade impura, eivada de superstições. Representa a parcela da sociedade estúpida, devota a uma religião inócua.

ERNESTINHO

Representante do insucesso profissional: é escritor frustrado, voltado para o “ultra-romantismo” decadente.

BASÍLIO

O mau-caráter, representa o burguês de prosperidade duvidosa, pronto a se aproveitar de toda e qualquer situação. Reveste-se de uma maldade inescrupulosa e irônica, usando um falar característico de sua dissimulação.

ANÁLISE DO FOCO NARRATIVO

Um narrador em terceira pessoa, onisciente, é o recurso utilizado por Eça para a expressão do ponto de vista. Tal recurso permite um certo distanciamento entre o leitor e as personagens, o que concede àquele um vislumbre do caráter destas. Para tornar mais clara a explicação, transcreve-se o que diz Reginaldo Pinto de Carvalho em seu belíssimo ensaio: *Eça de Queirós: O Senhor das Palavras*: “A narração em terceira pessoa, como em *O Primo Basílio*, a par com suas vantagens — a onisciência é uma delas — apresenta a desvantagem do distanciamento entre personagem e leitor. Entre eles existe sempre a presença do narrador, mas pode haver meios de compensar essa desvantagem. A técnica do discurso indireto livre seria um meio.

*Essa técnica permite inserir a fala da personagem, com toda a sua autenticidade e vitalidade, no interior do relato propriamente dito. O que possibilita ao narrador disfarçar-se e ceder o primeiro plano para a aproximação personagem — leitor. Além disso, evita o uso excessivo da conjunção integrante **que**, dos chamados verbos **dicendi**, e incorpora a língua oral à escrita.*

Veja-se, a título de exemplo, o seguinte parágrafo, que começa com o relato do narrador e termina com a fala de Luísa:

“Luísa ficou imóvel. Uma lagrimazinha redonda, clara, rolava-lhe pela asa do nariz. Assou-se muito doloridamente. Aquela Juliana! Aquela bisbilhoteira! De má! Para fazer cizânia!”

Deve-se entender que, ao se referir a “desvantagens” no recurso do narrador em terceira pessoa, o ensaísta não deprecia a obra de Eça; antes valoriza-lhe o recurso, como era de se esperar.

ESTUDO DA LINGUAGEM E ESTILO

Afirmam Saraiva e Lopes, estudiosos portugueses, sobre Eça de Queirós: “*Um dos dois ou três grandes artistas que mais modelaram a língua portuguesa, e pode dizer-se que de suas mãos saíram a técnica e os paradigmas estilísticos ainda hoje correntes na nossa língua literária*”.

No parecer dos ensaístas já citados, tal influência não incide apenas sobre as letras portuguesas, já que registra incontestável marca de estilo em autores brasileiros e cita como exemplo Graciliano Ramos em *Caetés*. Essa influência registra-se além do estilo, indo à temática do adultério e mesmo à personagem homônima: Luísa.

Eça depura a linguagem, tira-lhe as rebarbas, os excessos. Valoriza a carga semântica. Dá à palavra a exata medida de seu conteúdo. Eça de Queirós soube utilizar o adjetivo — que tantas vezes empobrece, avilta e aniquila o estilo — como recurso indispensável da expressão. Em sua obra, o adjetivo constitui uma unidade semântica indecomponível com o substantivo.

Para Eça de Queirós o adjetivo é, também, ferramenta de aproximação entre a abstração e a concretude: ao valer-se do epíteto no nome abstrato, consegue efeito surpreendente, como se vê nas passagens seguintes, com nosso grifo:

*“— Oh Jorge, que calor que vai lá fora, santo Deus! — Batia as pálpebras sob a irradiação da **luz crua e branca**.”*

*“Uma vaga poeira embaciava, tornava **espesso o ar luminoso**.”*

*“Era na sala de baixo pintada a oca, que tinha **um ar antigo e morgado**;...”*

Eça destrói de vez — porque Garrett e Camilo já o haviam iniciado — a linguagem rançosa, empolada, artificial do Romantismo. Impregna-se o texto de Eça de Queirós de uma plasticidade admirável e perfeita.

Os processos descritivos espaciais, em Eça, não são simples palcos em que se instalam os sujeitos do relato: integram o caráter, o perfil das personagens. Retorna-se ao aval de Saraiva e Lopes, que assim se manifestam: “*...há uma interação entre o ambiente físico e o homem, de modo que aquele se descreve em termos da percepção humana variável, conforme as personagens e seus estados*”.

ANÁLISE DAS IDÉIAS

Eça de Queirós é ferrenho inimigo da mediocridade que assola sua época, quer no ambiente social-burguês, em que a falsidade, o “mau-caratismo”, a avareza, a infidelidade ocupam espaços privilegiados; quer no catolicismo, constituído de um clero estúpido, alheio aos preceitos de um cristianismo sadio e formador de espíritos carolas e supersticiosos.

COMENTÁRIO CRÍTICO E VALORATIVO

A obra de Eça de Queirós é-lhe instrumento com que descarna a sociedade lisboeta de seu tempo. Contudo, tem outro mérito: o da inovação da plástica da linguagem, como já se disse em outro item. É escritor fecundo. Sua obra pode ser classificada em três fases:

1ª fase (1866 a 1875): Inicia-se com *Prosas Bárbaras*, passa por *O Mistério de Sintra* e *Uma Campanha Alegre*, uma coletânea de artigos que publicara em *As Farpas*, periódico de natureza crítica.

2ª fase (1875 a 1887): Revela um Eça envolvido com o Realismo. Aparecem aí: *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, *Os Maias* e *O Mandarim*.

3ª fase (após 1887): Inserem-se as obras: *A Relíquia*, *A Ilustre Casa de Ramires*, *A Cidade e as Serras*. É a fase da maturidade absoluta do escritor. Há, ainda, obras de edição póstuma.

QUESTÕES À MANEIRA DO VESTIBULAR

01. (FUVEST) “*Luísa espreguiçou-se. Que seca ter de se ir vestir! Desejaria estar numa banheira de mármore cor-de-rosa, em água tépida, perfumada e adormecer! Ou numa rede de seda, com as janelinhas cerradas, embalar-se, ouvindo música! (...)*”

Tornou a espreguiçar-se. E saltando na ponta do pé descalço, foi buscar ao aparador por detrás de uma compota um livro um pouco enxovalhado, veio estender-se na “voltaire”, quase deitada, e com o gesto acariciador e amoroso dos dedos sobre a orelha, começou a ler, toda interessada.

Era a Dama das Camélias. Lia muitos romances; tinha uma assinatura, na Baixa, ao mês.”

Neste excerto, o narrador de *O Primo Basílio* apresenta duas características da educação da personagem Luísa que serão objeto de crítica ao longo do romance.

- Quais são essas características?
- Explique de que modo elas contribuem para o destino da personagem.

(VUNESP) Instrução: As questões **02** e **03** referem-se ao seguinte fragmento do romance *O Primo Basílio* de Eça de Queirós:

“Jorge foi heróico durante toda essa tarde. Não podia estar muito tempo na alcova de Luísa, a desesperação trazia-o num movimento contraditório; mas ia lá a cada momento, sorria-lhe, conchegava-lhe a roupa com as mãos trêmulas; e como ela dormitava, ficava imóvel a olhá-la por feição, com uma curiosidade dolorosa e imoral, como para lhe surpreender no rosto vestígios de beijos alheios, esperando ouvir-lhe nalgum sonho da febre murmurar um nome ou uma data; e amava-a mais desde que a supunha infiel, mas dum outro amor, carnal e perverso. Depois ia-se fechar no escritório, e movia-se ali entre as paredes estreitas, como um animal numa jaula. Releu a carta infinitas vezes, e a mesma curiosidade roedora, baixa, vil, torturava-o sem cessar: Como tinha sido? Onde era o Paraíso? Havia uma cama? Que vestido levava ela? O que lhe dizia? Que beijos lhe dava...”

in *O Primo Basílio* (Obras Completas), I, Porto, Lello e Irmãos, s/d, p. 1150.

02. No trecho apresentado, o narrador descreve as reações de Jorge, que vive num conflito íntimo entre a piedade e o ódio: tem de cuidar da esposa Luísa, muito doente, embora tenha sabido que ela o traía com Basílio. Nestas poucas linhas se podem perceber várias características da ficção realista. Aponte duas dessas características.
03. Embora faça referência a três personagens, o narrador menciona nominalmente apenas Jorge e Luísa. Releia o texto e, a seguir:
- Aponte duas palavras por meio das quais, de modo explícito ou velado, o narrador se refere à personagem Basílio.
 - Explique o que representa, do ponto de vista de Jorge, a omissão do nome de Basílio.
04. O emprego do adjetivo *vago* (e sinônimos), tão comum em *O Primo Basílio*, está relacionado a uma visão impressionista da realidade. Explique a afirmação.
- in *Eça de Queirós: O Senhor das Palavras: Anatomia das Letras*. Reginaldo Pinto de Carvalho, Vol I, 1994.
05. Há uma razão para que o narrador utilize palavras estrangeiras no relato. Qual a finalidade desse emprego?
06. Na obra de Eça de Queirós, em questão, fica retratada uma parcela da sociedade de Lisboa. Que se retrata na obra?
07. Que tipo social é representado por Juliana?
08. O crítico Álvaro Lins faz a seguinte afirmação a respeito do estilo de Eça de Queirós: “*Pode-se dizer que, pelo estilo, Eça está mais perto das gerações que não o conheceram. O estilo de Eça, tão moderno e tão de nossos dias, só se afasta de nós pelos constantes pontos de exclamação*”. Qual a função do ponto de exclamação no texto de *O Primo Basílio*?
09. Afirma-se que Eça de Queirós associa um perfeito trabalho em relação à linguagem narrativa em prosa com a musicalidade da poesia. Que recurso de estilo mais encontrado no verso é detectado no texto de *O Primo Basílio*?

RESOLUÇÃO DAS QUESTÕES PROPOSTAS

01. a) O narrador utiliza tal expediente para oferecer crítica à vida de ociosidade que Luísa ama e à educação sonhadora a que era submetida a mulher do século XIX.
- b) A vida de ócio associada a um estilo romântico de ver a vida conduzem Luísa à traição do marido, que a abandonara em suas constantes viagens de trabalho e aventura, levada muito mais por necessidade de preencher o vazio de sua existência do que por amor a Basílio.
02. Uma das características do Realismo consiste na dissecação do estado de ânimo de Jorge, torturado entre um sentimento de paixão e ódio por Luísa. A personagem não tem domínio para dirigir seus sentimentos. É triturada numa avalanche enlouquecedora de sentimentos inconciliáveis. Outra característica é observada na postura crítica à moral que se apóia em pseudoprincípios, os quais desmoronam diante da realidade da existência.
03. a) O narrador utiliza magistralmente o pronome oblíquo de terceira pessoa para mencionar Basílio: O que **lhe** dizia? Que beijos **lhe** dava?
- b) A omissão do nome de Basílio transfere para Jorge a dificuldade de aceitar a traição de Luísa.
04. O adjetivo explicita a valorização do sensorial, fluido, impreciso que caracteriza a filosofia dos impressionistas.
05. As palavras estrangeiras “desnecessárias” no texto configuram a falsa condição da burguesia que vive de aparências que encobrem uma realidade suja. “*Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia.*”
06. A obra de Eça de Queirós retrata uma sociedade decadente no plano moral e intelectual que se mantém à custa do embuste, do engano, da fantasia.

07. Juliana, a criada, representa a ignorância da população menos privilegiada economicamente que, entretanto, tem comportamento moral equivalente ao cidadão mais prestigiado.
08. O emprego freqüente do ponto de exclamação na obra representa o enlevo estúpido em que vive a sociedade criticada por Eça.
09. É possível relacionar diversos recursos do verso: musicalidade, ritmo e a melodia obtida por aliteraões, por exemplo: “... o arrulhar triste de duas rolas que viviam na varanda, numa gaiola de vime...”.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Reginaldo Pinto de. In *Anatomia das Letras*, v. I, Selinunte, São Paulo, 1994.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa Através dos Textos*, Cultrix, 23^a ed., 1994.
— *A Literatura Portuguesa*, Cultrix, 22^a ed., 1986.

QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio*, FTD, 1994, cf. Ed. Livraria Lello Ltda, Porto, 1935.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*, Porto Editora Ltda., 11^a ed., 1995.